

**SEMINÁRIOS TERRITORIAIS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA DA BAHIA**

Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Iasías Alves

Código SEC: 1103778 NTE 26

Praça do Barbalho - Barbalho, Salvador - BA, 40301-155

Telefone (71 3242 4516)

*PROJETO DE PESQUISA EM ANDAMENTO*

Rebeca Brito Sales

Rute Brito Sales

**O JOGO EDUCATIVO COMO ALIADO PARA CONTAR HISTÓRIAS DE  
MULHERES QUE LUTARAM PELA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA COM  
FOCO EM MARIA FELIPA**

Salvador - BA

2023

**SEMINÁRIOS TERRITORIAIS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E  
TECNOLÓGICA DA BAHIA**

Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaías Alves

Código SEC: 1103778 NTE 26

Praça do Barbalho - Barbalho, Salvador - BA, 40301-155

Telefone (71 3242 4516)

**O JOGO EDUCATIVO COMO ALIADO PARA CONTAR HISTÓRIAS DE  
MULHERES QUE LUTARAM PELA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA BAHIA  
COM FOCO EM MARIA FELIPA**

Rebeca Brito Sales

Email: rebecasales331@gmail.com

Ruth Brito Sales

Email: brittoruth98@gmail.com

Orientador: Preto Ric (João Ricardo Chagas dos Santos)

Email: joao.santos4269@nova.educacao.ba.gov.br

Projeto de Pesquisa em andamento elaborado para ser apresentado durante a Feira de Ciências e Tecnologias 2023 do Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaías Alves e como pré-requisito para participação no evento Seminários Territoriais da Educação Profissional e Tecnológica da Bahia.

Salvador - BA

## 1. INTRODUÇÃO

Este projeto é fruto do projeto extracurricular Clube de Ciências do CEEP Isaías Alves que a partir de um conjunto pedagógico de pensar diferente, seguindo as boas práticas de Paulo Freire, isto é, esperando para construir pontes em que ninguém atravessa solitário ou solitária tem desenhado trajetórias e edificado oportunidades singulares. É importantíssimo ressaltar que as pessoas que entrecruzam e costuram os diálogos naquele espaço, independente do repertório literário, ideológico e político são agentes de transformação e em transformação. É notório, também, que a cada turma formada deixamos um legado de pessoas conscientes de sua relevância na sociedade, de suas potencialidades, de suas subjetividades, interseccionalidades e lugar de fala. Consequentemente, são essas pessoas que se engajam em acessar os espaços universitários, sobretudo da rede pública, e que com efeito, logram êxito. Dito isto, vimos com a pretensão de apresentar o sentido dessa proposta de pesquisa científica.

O protagonismo de mulheres nas lutas pela Independência, embora seja reivindicado e celebrado, ainda continua sendo pouco explorado e difundido em sua completude e relevância. Muitas vezes esse contar histórico acaba restrito aos seus aspectos folclóricos tanto pela dificuldade de acesso à informação quanto a escassez de documentação.

Entende-se que muitas são as mulheres que possuem grande importância no meio do universo da literatura, das artes e de outras expressões culturais, mas pode-se aventar que as escolas, sobretudo da rede pública de ensino, deixam muitos nomes invisíveis ou até mesmo esquecidos. Esta questão é apontada, justamente por, no Brasil, muitas mulheres não terem sido incluídas nos livros de História e quando o são, há pouco sobre suas trajetórias, participações nas resistências e lutas encontradas nas pesquisas. Por que será? Costuma-se dizer que a história é contada pelos vencedores e devemos destacar que o gênero desse termo quase sempre é aplicado no masculino, pois esse foi e continua sendo o principal imaginário idealizado de nossa sociedade, isto é, onde as lideranças, protagonismos e conquistas são feitos “apenas” por homens. É oportuno, portanto, recontar essas histórias e apresentarmos outras vozes e protagonismos silenciados e pouco explorados propositalmente. Então esse trabalho tem também a intenção de questionar os momentos históricos que costumam vir acompanhados das frases “com a ajuda” ou

“esteve por trás dessa vitória” e, ressaltamos que não estamos interessados em jogar luz sobre as atuações as mulheres abastadas, seja pelo seu lugar aristocrático ou status social; ao contrário, que esse trabalho venha a contribuir para apontar os holofotes para aquelas que pouco ou nunca o tiveram.

Reitera-se, então, que essas e outras colocações contribuem para a diminuição das mulheres, com a intencionalidade do apagamento do protagonismo feminino, além de submeter a sua imagem sempre em segundo plano, sustentada por um nome masculino. Na história do Brasil tantas mulheres são esquecidas, classificadas como desimportantes. Maria Felipa de Oliveira uma mulher marisqueira, pescadora, trabalhadora braçal, negra que lutou na Independência da Bahia sofreu esse apagamento assim como outras mulheres que foram super importantes. Sendo ela uma das três que lutaram contra os portugueses (Joana Angélica e Maria Quitéria), sem dúvida foi a mais apagada e os que os estudos recentes apontam é que a principal razão por isso remete por ser negra e pobre.

Nos livros e o recontar nas escolas se fala bem pouco dela e uma das coisas que foi observada é que ela sempre está em último lugar nos textos de apresentação, nas fotos, nas falas. Deve-se mudar isso? É necessário!

Foi a partir do estudo da Revolta dos Búzios, da pesquisa feita sobre os líderes dessa revolta, na Disciplina de Português que observamos que as histórias das mulheres que também lutaram não são contadas, ou pouco se fala sobre elas. Com o intuito de avançar na contramão dessa colocação histórica e epistêmica que, nos diálogos realizados no Clube de Ciências de nossa escola sobre a importância dessas mulheres, percebemos o quão se faz necessário para inspirarem hoje muitas outras mulheres que continuam a lutar contra a desigualdade social, contra o racismo e pela igualdade de gênero. Ainda que percebamos que ainda falta muito para se reconhecer a força da mulher, sobretudo, das negras, que em grande medida são as que se encontram sob condições de maior vulnerabilidade social, contudo lutam, resistem, para obter melhores condições de vida digna e transformação de nossa realidade democrática em uma democracia mais inclusiva e real.

E por que escolhemos a linguagem de um jogo como pretensão de avançarmos na reflexão e recontar dessas histórias providencialmente, outrora, apagadas ou minimizadas? A resposta está além do expressivo interesse de parte da sociedade brasileira, sobretudo usuários mais jovens da Internet no universo dos jogos digitais (games), mas que perpassa pela proposta de gameficação como vetor no processo de aprendizagem e como aporte didático e metodológico à Educação. Importantes estudos

na Área da Educação apontam para esse caminho e importantes resultados científicos demonstram que é um caminho interessante. Até porque, por muito tempo e equivocadamente o universo dos games foi exaustivamente estigmatizado. Nesse trabalho não tem-se a pretensão de adentrar nessa discussão, mas é uma escolha explícita e que se pretende experimentar. Portanto, nessa perspectiva que apresentaremos a seguir a organização científica desse projeto que já se encontra em andamento e, importante, foi iniciado já no ano de 2022 com estudantes ainda no 1º ano dos Cursos de Informática e Produção de Áudio e Vídeo do CEEP – Isaías Alves. Essas que atualmente encontram-se cursando o 2º dos respectivos Cursos.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo geral**

Evidenciar as histórias de mulheres negras que lutaram pela independência da Bahia como forma de lançar luz sobre seus protagonismos e, dessa forma contribuir para inspirar e fortalecer outras mulheres a partir da representatividade.

### **Objetivos específicos**

Mapear as instituições públicas de Salvador e Região Metropolitana que detenham informações históricas acerca das participações de mulheres negras nos levantes de resistência e pela Independência da Bahia, sobretudo a de Maria Felipa de Oliveira;

Propor o desenvolvimento de um jogo digital (ainda que na delimitação de protótipo) de cunho pedagógico em formato de perguntas e respostas (quiz);

Construir uma base de dados com as informações históricas já existentes acerca das protagonistas históricas e complementar as lacunas sobre a participação de Maria Felipa de Oliveira;

Compreender a importância da escola ao retratar as histórias de mulheres negras.

Dialogar com os atores da Educação (docentes, discentes e gestores) sobre a perspectiva da gameificação e sua relevância ao recontarmos fatos históricos com ênfase na participação de mulheres.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

A caminhada das mulheres negras ao longo da história em busca de seus direitos perpassa, principalmente, por encontrar-se e reconhecer-se como sujeito (MAGNO, 2020).

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, mesmo assim, pouco se fala das histórias africanas e afro-descendentes na escola pública.

A importância da contemplação da lei

A lei dá a possibilidade para que crianças e adolescentes tenham conhecimento da própria cultura e conheça a história dos seus antepassados e possam aprender. É importante que todas as escolas tenham conhecimento dessa lei e os alunos, conhecer a própria cultura é aprender um pouco de quem somos e como foi a luta para construir o atual momento.

Ao longo dos anos as mulheres vêm lutando pela igualdade, direitos, espaços políticos e voz na sociedade. Mulheres são divididas por raça, classe e quanto menos você tem a possibilidade de você conseguir algo diminui, principalmente se você for pobre negra ou indígena. A estatística de mulheres que conseguem terminar os estudos e conseguem ocupar espaços políticos é baixo, é importante a luta atual a anterior e a das próximas gerações para abrir espaços a outras, todas as lutas de outras mulheres ao longo da sociedade contribuiu para que algumas leis fossem aprovadas, embora não sejam atuadas da devida forma. Em um país patriarcal onde existem agressores, estropadores, machistas e que em qualquer outra circunstância o maior alvo é a mulher, é importante que todas estejam unidas e que lutem juntas porquê a voz de uma representa todas e você dar visibilidade a uma mulher é dizer para ela que "Você não está só".

Como aponta a professora de psicologia do Instituto Feral do Rio de Janeiro, Jaqueline Gomes de Jesus, no prefácio do livro "Heroínas negras brasileiras: em 15 cordeis, em que ressalta a luta da escritora Jarid Arraes contra o racismo através da literatura:

No Brasil, mulheres, principalmente negras, nem sempre puderam falar, escrever, e quanto mais publicar sobre si mesmas. Tampouco tiveram suas vozes plenamente respeitadas por aquelas que delas falaram, escreveram e publicaram, na maioria homens brancos. ...Os nossos heróis e heroínas, quando negros, tem sido odiosamente relegado ao esquecimento. (JESUS apud ARRAES, 2017, p. 9).

Também como aponta o pesquisador Nascimento (2019, p. 9) “A aprendizagem das crianças e dos jovens não ocorre apenas na escola, mas também na família, na comunidade e, atualmente, através dos meios midiáticos na internet: redes sociais, e-books, blogs, memes, games, séries e demais narrativas on-line. Nesse processo formativo, as crianças e os jovens podem aprender sobre sua própria história e encontrar o seu lugar no mundo simbólico e cultural, por meio da troca de saberes com as gerações mais antigas, conhecendo o passado histórico. As diversas possibilidades de aprender permitem que os jovens e as crianças criem laços de pertencimento com esse mundo e suas histórias.

Então, é preciso também na escola conhecer a histórias de heroínas mulheres, sobretudo as afrodescentes como Maria Felipa de Oliveira, e por sermos estudantes negras que acreditamos que também podemos contar essa história tendo como aliado no ensino os jogos educativos.

Contudo, a construção desse entedimento que evidencia as ausências, negligências e postulado, majoritariamente, patriarcal que remete à forma com a qual boa parte de nossa História e arranjos socioculturais foram forjados buscando a assimiliação eurocêntrica, isto é, protagonizada por burguesias constituídas em larga escala e sem exceções por homens brancos e em posição de poder (social e econômico). O que nos remete a pensar se e como poderia ser diferente? Para tanto, seguimos em direção aos pensamentos de Nilma Lino Gomes quando diz que,

A percepção dessa ausência não acontece por acaso. Questioná-la poderá ser um caminho interessante para a mudança do enfoque das pesquisas sobre os movimentos sociais, sobretudo no campo educacional. A realização de estudos que tenham como objetivo a problematização desse processo lacunar e o levantamento de alternativas para o mesmo pode ser vista como uma tentativa de construir uma “sociologia das ausências e das emergências”. (GOMES, 2022, p. 40)

Portanto, se identificamos a longas datas que a ambiência educacional, sobretudo de escolas públicas segue distante, bem distante para dizer a verdade, de uma educação emancipadora, é preciso observar que há um vácuo, muitas vezes preenchido pela visão eurocêntrica de mundo e doutrinação cultural e pedagógica. Visto que:

A sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro sengudo o tempo linear por um futuro de possibilidades plurais, concretas e simultaneamente utópicas e realistas, que vão se

construindo no presente mediante atividades de cuidado. (GOMES, 2022, p.41)

Segundo Santos (2004 apud GOMES, 2022, p.41),

(...) o conceito que preside essa sociologia (*sociologia das ausências*) é o *ainda não*, (...) por um lado, capacidade (potência), e, por outro, possibilidade (potencialidade). A possibilidade é o movimento do mundo. Sendo assim, a sociologia das emergências é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas. Ela amplia o presente, juntando ao real amplo as possibilidades e as expectativas futuras que ele comporta. Nesse caso, a ampliação do presente implica a contração do futuro na medida em que o *ainda não*, longe de ser um futuro vazio e infinito, é um futuro concreto, sempre incerto e sempre em perigo.

O instante no qual a Educação se configura ainda é do *ainda não*, muito por manter em sua estrutura pedagógica, mesmo que desrespeitando ou descumprindo o que preconiza a Lei nº 11.645/2018, e por sua vez, abre espaço à potencialidade com a qual projetos como este podem e devem se ancorar. Abre espaço também para continuarmos um diálogo histórico e extremamente importante com a sociedade brasileira no que tange a questão racial, sobretudo de mulheres negras. O fato histórico que destacamos nessa pesquisa trata as lacunas sobre a heroína da Independência do Brasil, Maria Felipa de Oliveira. Fato é que ela também é uma mulher negra e periférica, ou seja, seus feitos estão muito mais restritos pelos arranjos sociais interessados, ou desinteressados por assim dizer. E se o legado político que temos é observado a partir das pautas, lutas e conquistas do Movimento Negro, compreende-se que no contexto atual não pode ser diferente, haja vista que:

Ao eleger o Movimento Negro Brasileiro e sua relação com a educação como foco do nosso estudo, adotamos a sociologia das ausências e das emergências (inspiradas nas reflexões de Boaventura de Sousa Santos) e, a partir dela, desenvolvemos o procedimento teórico-epistemológico que chamaremos aqui de *pedagogia das ausências e das emergências*. É nosso objetivo fazer emergir o protagonismo do Movimento Negro na relação educação e movimentos sociais. (GOMES, 2022, p.42)

E é um dos nossos pilares para melhor compreendermos esse espaço de disputa e construção de narrativas para, conscientes da negritude e sua relevância dentro dos processos de formação da sociedade brasileira e legado cultural decolonial podermos, então, acrescentar aos fatos históricos já conhecidos, pedaços ausentes ou pouco



explorados sobre as histórias de mulheres negras que tiveram seu protagonismo na insurgência e insubordinação à Corôa Portuguesa que culminou com o processo de resistência e lutas pela Independência da Bahia – primeiro estágio para a Independência do Brasil. Consideramos, então, que é impossível darmos um passo tanto em direção à educação pública emancipada decolonial e emancipadora dos pensamentos eurocêntricos sem retornarmos ao seu devido protagonismo as histórias e feitos das pessoas negras e um bom lugar de começo ou recomeço, por assim dizer, é lançarmos luz sobre a incontestável história da heroína Maria Felipa de Oliveira.

Uma questão que nos move no processo investigativo dessa pesquisa é também compreendermos que, se não avançamos ou o fazemos muito pouco na emancipação da educação, que se deve? Para Carter Woodson (2021), a raiz do problema se deve ao fato de,

Os “Negros educados” têm a atitude de desprezo em relação ao seu próprio povo porque em suas escolas, bem como nas escolas mistas, os Negros são ensinados a admirar os hebreus, os gregos, os latinos e os teutônicos e a desprezar os africanos.

A ideia de inferioridade transpassa o Negro em quase todas as aulas de que participa e em quase todos os livros que estuda. Se abandonar os estudos depois de dominar os conhecimentos básicos, antes de terminar o ensino médio ou chegar à faculdade, ele naturalmente escapará de alguns desses vieses e poderá se recuperar a tempo de ser útil ao seu povo.

Confrontando o problema que demarca como, nós, pessoas negras, edificamos o pensamento eurocentrista porque somos ensinados a partir dessas referências, mesmo que aqui se apresente o desenvolvimento da formação educacional do negro estadunidense, a trajetória é peculiar em vários aspectos à nossa e concordamos sobre:

Nosso acadêmicos de maior projeção foram instruídos em universidades fora do Sul. As instituições do Norte e do Oeste, no entanto, não tiveram tempo de lidar com assuntos que dizem respeito especialmente ao Negro. Elas devem direcionar a atenção para os problemas da maioria de seus integrantes, e com muita frequência têm estimulado seus preconceitos, referindo-se ao Negro como indigno de consideração. A maior parte do que essas universidades têm oferecido como línguas, matemática e ciência pode ter servido a um bom propósito, mas muito do que eles têm ensinado como economia, história, literatura, religião, filosofia é propaganda pérfida, que envolveram uma perda de tempo e desorientaram os Negros que aprenderam assim. (WOODSON, 2021, p. 14)

Não é difícil de compreender como um país que possui cerca de 56% de sua população autodeclarada negra (pretos e pardos, de acordo com os marcadores técnicos do IBGE) tenha a esmagadora maioria dessas pessoas em situação de pobreza e com baixa escolaridade. A dominação colonial e escravista que perdurou institucionalmente por quase quatro séculos e se articulou para manter os arranjos sociais daquele período no pós-abolição não contribuiu para a emancipação do povo negro. Ao contrário, legou a esses, aos nossos, todo esforço para a autoafirmação, para conseguir algum reconhecimento, ainda assim, porque muitos buscaram o caminho da assimilação da branquitude europeia e do eurocentrismo como farol único à vida. Somado a isso temos o papel do Estado e das instituições públicas da Educação que ampliaram as ausências e recusaram-se às emergências. Consequentemente, ainda que tardiamente, também como um processo de resistência e de tentativa de insurgência contra o ensino datado e delimitado a uma cosmogonia outra, que não nos confere uma completude necessária, identificamos a urgência em nos reformularmos e se já existe, inclusive, lei para que se faça valer, é papel dos movimentos sociais, dos movimentos estudantis e de professores, da sociedade civil organizada pautar sua participação e reivindicação de mudanças significativas nos processos de construção da aprendizagem e nossos referenciais decolonizados, sobretudo com a presença de autores e autoras negras para enfrentarmos também o epistemicídio negro. Esse engajamento vislumbra impedir a perpetuação de que,

Ao concluir a educação em nossas escolas, o Negro está, então, apto a começar a vida de um homem branco americanizado ou europeizado, mas, antes que passe da soleira da *alma mater*, ele ouve dos professores que deve voltar para o seu próprio povo, de quem foi afastado por uma visão de ideias que, em seu desencanto, ele vai perceber que não pode alcançar. Ele vai adiante para desempenhar seu papel na vida, mas deve ser ao mesmo tempo social e bissocial. Embora seja parte do corpo político, ele é, além disso, um membro de uma raça particular à qual ele deve restringir-se em todos os assuntos sociais. Embora sirva a seu país, ele deve servir dentro de um grupo especial. Embora seja um bom americano, deve ser acima de tudo um “bom Negro”; e, para cumprir a função definida, deve aprender a ficar num “lugar de negro”. (WOODSON, 2021, p. 15)

Se essa constatação nos ajuda a compreender como chegamos até aqui e como, muitas vezes, aqueles que superam os obstáculos estruturantes de uma sociedade inventada pelos europeus e recolonizada pelos norte americanos, quando não se assemelham, tornam-se nossos verdadeiros faróis. E esse projeto, ainda com seu papel singelo, mas importante,

se lança com essa pretensão, ou seja, disponibilizar às escolas da rede pública e à sociedade, sobretudo a constituída de famílias e pessoas negras, muitas dessas em alguma situação de vulnerabilidade econômica e social, uma alternativa lúdica, interessante, possível de ser implementada e adotada.

Ao recontarmos nossas histórias a partir das perspectivas das mulheres negras em seu protagonismo, nosso pensamento avança pelo decolonialismo, pelo combate ao racismo e pela importância em se compreender o feminismo negro em suas mais densas e complexas dimensões.

#### **4. METODOLOGIA**

O percurso desta pesquisa aplicada inicia com a pesquisa exploratória em relação ao tema a ser abordado, a pesquisa bibliográfica, esta com destaque para a necessidade de fazermos um levantamento mais específico sobre instituições públicas de Salvador e Região Metropolitana que detém em seus acervos material bibliográfico acerca das histórias de mulheres negras e suas participações no processo de insurgência que veio a culminar com a Independência da Bahia.

Também será aplicado um questionário através da ferramenta digital, google forms, aos estudantes do curso de Informática e de Produção de Áudio e Vídeo para saber o que eles sabem sobre as mulheres que participaram da luta pela independência da Bahia, especialmente Maria Felipa de Oliveira. A escolha da pesquisa com esses estudantes é porque a proposta de criação de um jogo educativo que dê visibilidade e reconhecimento à luta das mulheres será para uma construção coletiva do jogo digital, com professores e estudantes.

É importante salientar que, é desejável nesse projeto uma ação que contemple oficinas de desenvolvimento de jogos digitais em linguagem de baixa complexidade e execução via navegador web (browser), de modo que o custo de implementação seja baixo e a curva de aprendizado acessível e complementar ao conteúdo que já é ensinado em sala de aula.

Trazemos aqui um breve detalhamento descritivo sobre a proposta do produto final a ser desenvolvido, ou seja, do jogo digital.

O jogo deverá ser executado, inicialmente, em ambiente local, ou seja, sem a necessidade de conexão com a Internet, portanto, também sem a necessidade de

contratação de domínio e servidor web. Porém essas contratações estruturais estão sinalizadas no tópico 6 com alguns valores já identificados.

Por considerarmos o tempo de execução da etapa final do projeto fizemos um levantamento de quais linguagens de programação de fácil acesso e com uso de software livre poderíamos adotar e, nesse sentido, uma alternativa interessante é desenvolvermos a estrutura do código em com a biblioteca Phaser 3.0. No primeiro estágio de levantamento tecnológico percebemos que há importantes limitações a partir dessa escolha, contudo, avaliamos que é possível a sua execução. Uma alternativa bem mais robusta que amplia exponencialmente o desenvolvimento de jogos seria o software de desenvolvimento de jogos da Unity permite que desenvolvedores criem jogos 2D e 3D de alta qualidade e façam a distribuição de maneira facilitada para desktop, VR/AR, console, Web e plataformas móveis. Contudo, para uso dessa se faz necessária a contratação via licença por usuário ao longo de 12 meses. Ou seja, consideraremos o desenvolvimento do jogo em sua versão inicial com a biblioteca Phaser 3.0 e, se houver recurso disponível na monta verificada, migramos o projeto para a plataforma Unity.

Alguns aspectos técnicos do jogo são:

- Jogo de plataforma com interação básica e linear;
- Controles através dos periféricos mouse e teclado;
- Exibição em tela RGB com resolução gráfica ideal de 1920x1080 (pixels);
- Jogabilidade em formato de QUIZ com perguntas aleatórias e seleção das respostas em tela;
- Contagem de pontos por acertos;
- Nivelamento do(a) jogador(a) de acordo com uma quantidade de fases avançadas;
- Dificuldade das perguntas de acordo com o nível alcançado;
- Base de dados para cadastro das perguntas e suas respectivas respostas certas e erradas;

Quanto à proposta de estética, consideramos um design que valorize aspectos e elementos culturais da Bahia. Além, claro, como já se pode observar nas telas do protótipo inicial, as imagens públicas encontradas na Internet das quatro heroínas, Maria Felipa, Maria Quitéria, Joana Angélica e Anna Nery.

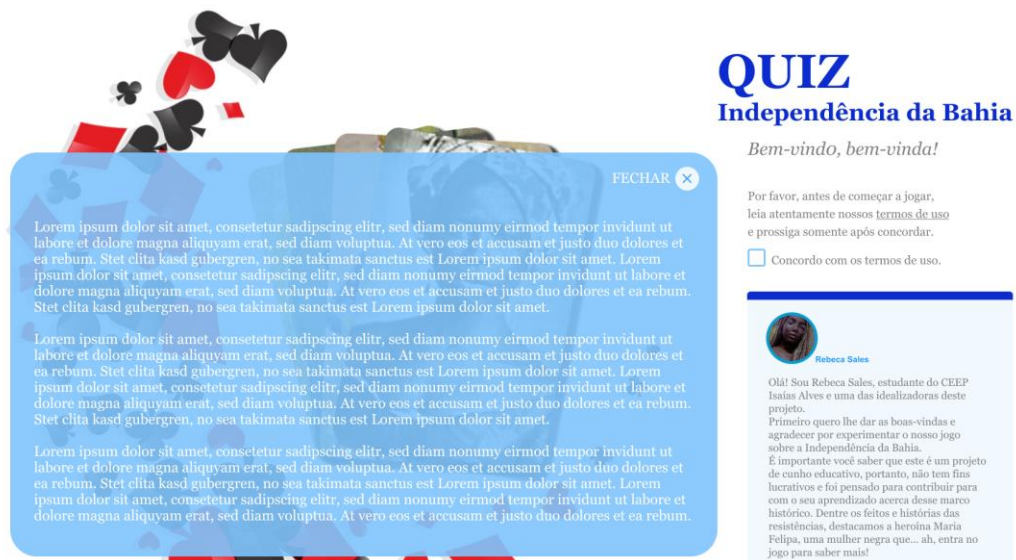
Para acessar a versão experimental do protótipo dispusemos através da ferramenta Adobe XD a seguinte url: <https://xd.adobe.com/view/cc64433e-5b6d-46c1-ac30-08f44c6e3132-9937/?fullscreen>

O experimento está restrito aos seguintes cliques:

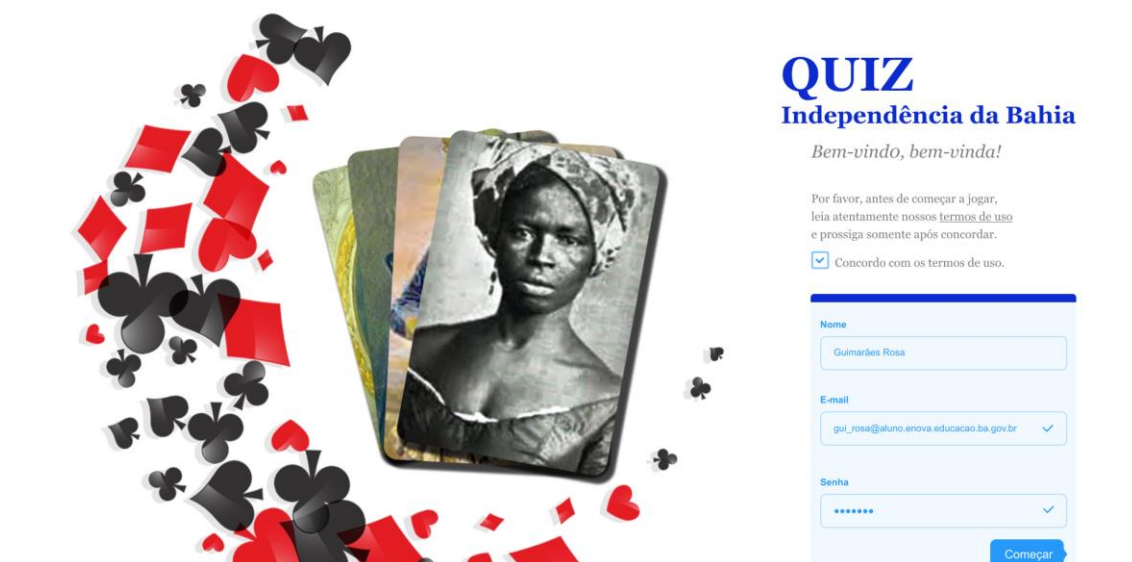
Tela 1: clicar em “Termos de uso”.



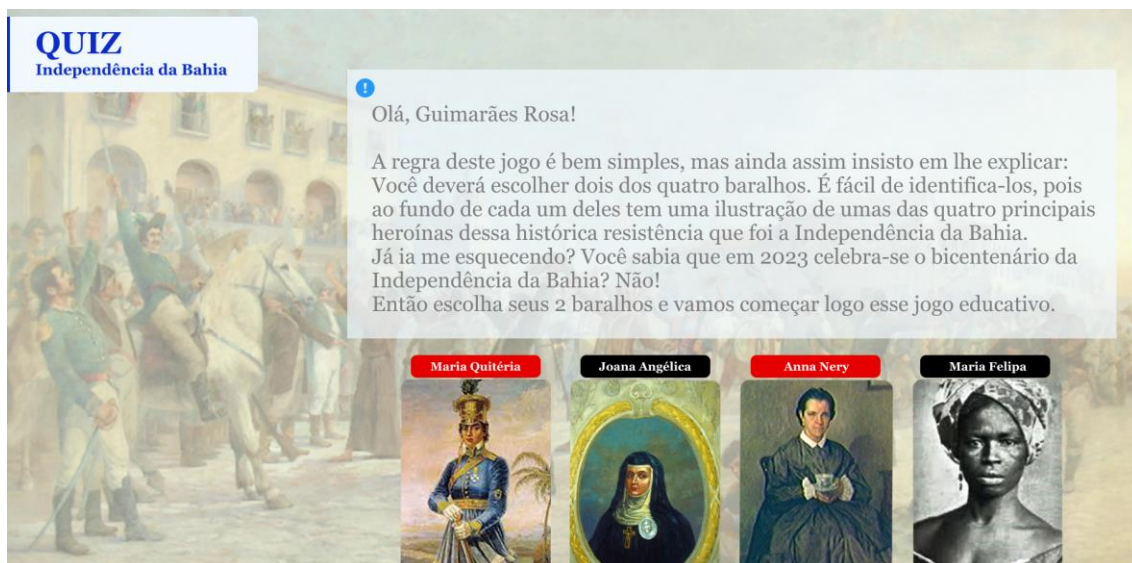
Tela 2: clicar na caixa vazia ao lado de “Concordo com os termos de uso”.



Tela 3: Clicar no botão azul “Começar”.



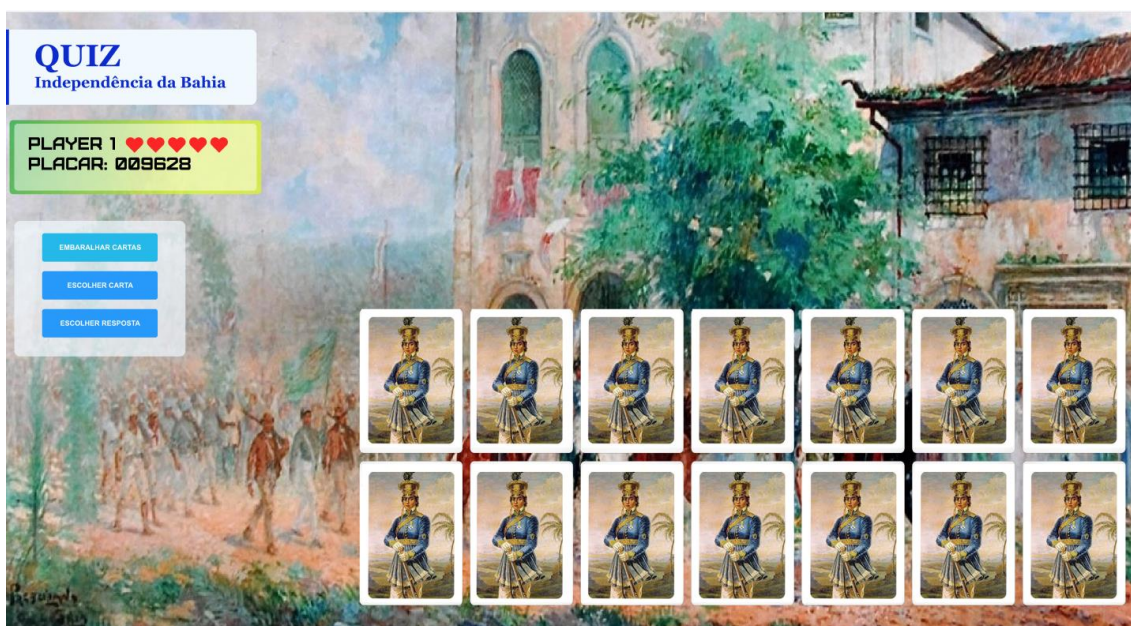
Tela 4: Clicar na imagem de Maria Quitéria.



Tela 5: Clicar no botão “Embaralhar cartas”.



Tela 6: Clicar no botão “Escolher carta”.



Tela 7: Clicar na opção São José, no espaço da pergunta.

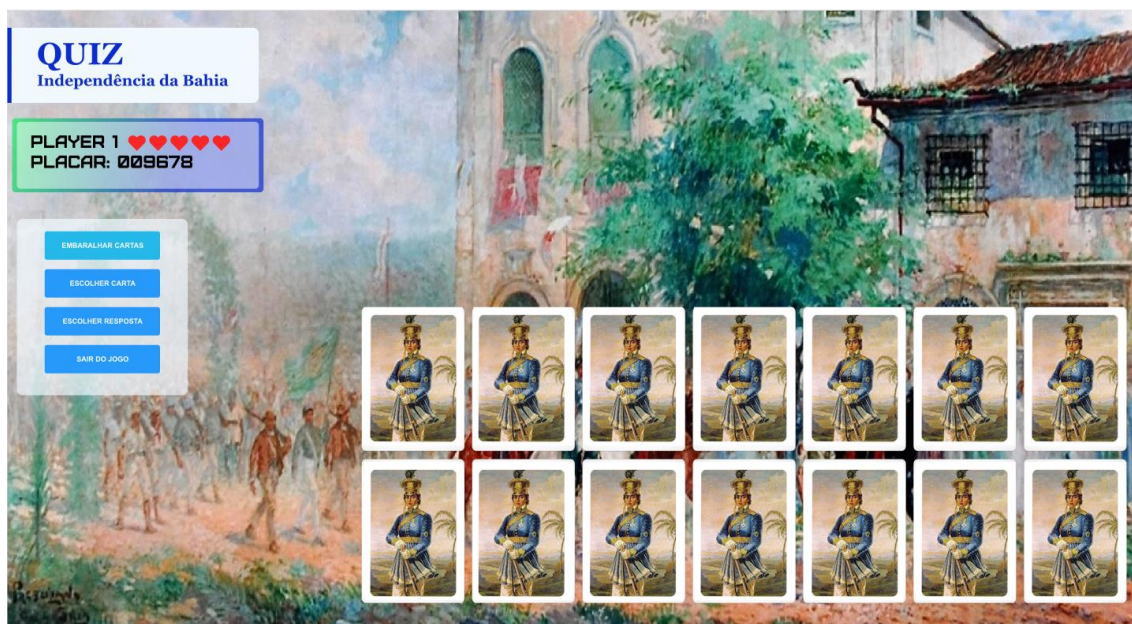


Tela 8: Clicar no botão “Escolher carta”.





Tela 9: Clicar no botão “Sair do jogo”.



Toda a dinâmica demonstrada pode sofrer alterações de acordo com os recursos de desenvolvimento do jogo à medida que forem assimilados por nossos(as) estudantes.

Outro ponto a ser considerado é que dentro do processo metodológico trabalharemos com versionamento do projeto. Portanto, esse encontra-se em sua versão 1.0 e que, possivelmente, passará por melhorias e aprimoramentos, configurando assim, outras versões, tanto de teste quanto de produção.

Nesse sentido, ainda no processo metodológico, consideramos a apresentação do cronograma de trabalho com a evolução do projeto desde seu início até o presente momento, como pode ser verificado abaixo:

## 5. CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2022 – SEM. I			2022 – SEM. II				
	Março/ Abril	Abril/ Maio	Maio/ Junho	Julho/ Agosto	Agosto/ Setembro	Setembro/ Outubro	Outubro/ Novembro	Novembro/ Dezembro
ESCOLHA DO TEMA	X							
DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	X							
ELABORAÇÃO DOS OBJETIVOS		X						

JUSTIFICATIVA			X					
REVISÃO DA LITERATURA				X	X	X		
ELABORAÇÃO DA METODOLGIA						X	X	X

ATIVIDADES	2023 – SEM. I			2023 – SEM. II				
	Março/ Abril	Abril/ Maio	Maió/ Junho	Julho/ Agosto	Agosto/ Setembro	Setembro/ Outubro	Outubro/ Novembro	Novembro/ Dezembro
REVISÃO DA METODOLGIA	X	X						
COLETA DE DADOS			X					
ANÁLISE DOS DADOS E CONSIDERAÇÕES				X				
DESENVOLVIMENTO DAS TELAS DO PRÓTOTIPO		X	X	X				
OFICINA DE DESENVOLVIMENTO DE JOGOS DIGITAIS					X	X		
EDIÇÃO E PÓS-EDIÇÃO DE VÍDEOS DE DIVULGAÇÃO						X	X	
EDIÇÃO DE IMAGENS					X	X	X	
DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA FINAL DO JOGO DIGITAL						X	X	X

## 6. OUTRAS ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS E ESTIMATIVA DE CUSTOS

Pacote Adobe Creative Cloud – Ferramentas para desenvolvimento das telas do protótipo, interface e edição gráfica: R\$ 124,00 mensais (estimativa de trabalho em 3 meses);

Ferramenta

Locação de servidor web (opcional): R\$ 160,00 mensais (estimativa de trabalho em 12 meses);

Registro de domínio web: R\$ 40,00 anuais (estimativa de trabalho em 12 meses);

Ferramenta Unity Plus para o desenvolvimento avançado do jogo: R\$ 2.295,00 anuais (para uma licença);

Oficina de Phaser 3.0: R\$ 200,00;

Oficina de Unity: R\$ 800,00;

Estimativa total de investimento por 12 meses: R\$ 5.627,00

## **7. RESULTADOS ESPERADOS**

O principal resultado esperado é o despertar da conscientização da negritude de nossos(as) estudantes. Não menos importante, vislumbra-se o desenvolvimento do senso crítico do(a) estudante enquanto sujeito e indivíduo. A partir disso, cria-se uma expectativa de desenvolvermos um olhar mais apurado às questões que nos atravessam enquanto atores de uma sociedade em transformação, como a valorização dos corpos negros, autoestima, compreensão das lutas de classe, feminismos, sobretudo o feminismo negro e como pensar e agir contra as práticas racistas.

Todo esse movimento torna possível deslocar de um estado de inércia, quiçá alienação político-social que impede a compreensão mais ampla do contexto socioeconômico em que nós, professores e estudantes da rede pública de ensino estamos submetidos. E que, diante das dificuldades recorrentes e nebulosidade quanto às melhorias reais e necessárias, consigamos inovar e nos reinventarmos com e pela educação inclusiva, participativa e transformadora.

## **8. REFERÊNCIAS**

ARRAES, Jarid. Heroínas Negras Brasileiras: em 15 cordeis. São Paulo: Pólen, 2017.

BRASIL. Lei 11.645 de Março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as

diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)

CARTER, Godwin Woodson. A (des)educação do negro. São Paulo – SP, Ed. Edipro, 2021.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes, 2017 / 8ª Reimpressão, 2022.

MAGNO, Janildes Almeida Chagas. Estudos IAT, Salvador, v.5, Edição Especial Prêmio Luís Henrique Dias Tavares, 2020. Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br>.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo. Pensar o passado, narrar a história dos afro-descendentes na Bahia: um e-book sobre Maria Felipa de Oliveira no ensino fundamental. Revista Trama | Volume 15 | Número 35 | Ano 2019 | p. 3-12 | e-ISSN 1981-4674.